

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

SAMARA VIANA

UBERLÂNDIA
2023

SAMARA VIANA

SE ME CORTO, NÃO SANGRO:

A Dor e o Amor Entre Mães e Filhas em Pintura

**Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Artes Visuais como requisito parcial
para obtenção do grau Licenciatura e Bacharel
em Artes Visuais pela Universidade Federal
de Uberlândia.**

**Orientadora: Profa. Dra. Elsieni Coelho da
Silva**

UBERLÂNDIA

2023

SAMARA VIANA

SE ME CORTO, NÃO SANGRO:

A Dor e o Amor Entre Mães e Filhas na Pintura

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Artes Visuais como
requisito parcial para obtenção do grau
Licenciatura e Bacharel em Artes Visuais pela
Universidade Federal de Uberlândia.**

Uberlândia, 06 de fevereiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Presidente Profa. Dra. Elsieni Coelho da Silva

Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Clarissa Monteiro Borges

Universidade Federal de Uberlândia

Doutoranda Maria Carolina Rodrigues Boaventura

*Para que minha avó Sônia saiba de onde estiver
que a filha dela é amada.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Elsieni, por toda paciência e atenção, agradeço por todos os anos em que fui sua aluna e por tudo que me foi ensinado. Obrigada, foi um privilégio.

Aos membros da banca, Clarissa e Marol, por terem aceitado o convite e pelo tempo que dedicaram na leitura e avaliação do trabalho, agradeço também por ter tido a honra de ser ensinada por elas.

Aos professores da instituição por todo o conhecimento compartilhado.

À Giovanna, Breno, Artur, Rodrigo, Máisa e Victória, por todos os anos em que passamos juntos, pelo apoio, amor e risadas que compartilhamos, agradeço todos os dias por ter encontrado cada um.

À Barbara e Denis, por todas as vezes que me apoiaram e acolheram, sempre me fazendo sentir querida.

À Milena, por toda a inspiração, companheirismo e amizade, agradeço por sempre estar disposta a estender a mão.

À Fernanda e Leonardo, por sempre estarem prontos para me estender a minha mão e por tentarem me entender sem nunca julgar, eu não seria quem sou sem eles. Obrigada.

À Amanda Tagliaro, por todos os encontros e desencontros que tivemos ao longo dos anos e por sempre estar lá quando precisei. Agradeço imensamente.

À todos os meus amigos que conheci graças a graduação, que não podem ser citados por falta de espaço, agradeço por todos esses anos compartilhados.

À Letícia Angeline, por todas as noites que passamos em claro conversando, pelo apoio e amor que compartilhamos, agradeço por ser minha melhor amiga em todas as horas.

Ao Érico, pelos cinco anos que passamos juntos e por ter sido meu amigo mais querido, obrigada.

Ao Benedito, meu tio, por há vinte e um anos atrás, ter decido me adotar e ser o melhor pai que eu poderia ter tido.

Ao Carlos, meu pai biológico, por sempre dizer que sou capaz e acreditar em mim quando ninguém mais acredita, agradeço por ele ser o melhor pai “ausente” que alguém poderia ter.

À Samantha, minha irmã, por ser minha alma gêmea.

À Regiane, minha mãe biológica, por todos os dias dar tudo de si para aprender a amar.

À minha mãe adotiva, Tânia, por há mais de vinte anos atrás ter tomado a decisão de me amar incondicionalmente e por ter criado a pessoa que sou hoje, não seria nada sem ela. Serei grata até o fim da minha vida por todo o amor, afinal, se a vejo o sangue estanca.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1.FERIDAS EXPOSTAS	7
1.1 MÃES E FILHAS	13
2. SE ME CORTO, NÃO SANGRO	14
2.1. SUTURAS E FISSURAS	16
2.2 OS INSETOS NA CARNE.	22
3. COMO POSSO EXPLICAR UMA DOR QUE VOCÊ NUNCA SENTIU?	39
3.1 SE NÃO SUPRIMIDO O SANGUE JORRA E SE TE VEJO O SANGUE ESTANCA	43
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	45

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso é um compilado de textos e imagens que procuram contemplar a exibição de arte “SE ME CORTO NÃO SANGRO: como explicar uma dor que você nunca sentiu?” , a exposição foi composta por telas que foram produzidas com a intenção de explorar a materialidade pictórica, buscando despertar sensações através da mistura da tridimensionalidade com o bidimensional, que a pintura matérica pode proporcionar.

A pesquisa desenvolvida para a criação das peças que foram expostas, se inicia através de uma investigação interna, onde me deparei com a necessidade de encerrar um ciclo de traumas que passaram por quatro gerações da minha família materna. Durante o processo de desenvolvimento deste trabalho, cheguei a conclusão que minha mãe biológica e eu, compartilhamos aflições e angústias muito semelhantes e que elas foram herdadas das gerações passadas da nossa família, onde desde jovem as mulheres tinham que lidar com duras realidades. Após compreender que sentimos dores muito parecidas, cheguei a conclusão que carregamos diversos traumas geracionais, então, decidi que estava na hora de encerrar o ciclo de sofrimento e que a arte seria o mecanismo para tal. Então, depois de olhar para o passado, iniciei o processo de criação das telas, procurando contar uma história através de cada uma delas.

1. FERIDAS EXPOSTAS

A relação que tenho com a minha mãe biológica foi, por muitos anos, uma ferida aberta que apodrecia exposta, sendo ignorada e negligenciada, porque para que fosse possível cicatrizar, era preciso encarar duas décadas de dores, receios e decepções que me faziam sentir pequena e desprezível. Contudo, em algum momento, é preciso parar de lamber ferimentos, deixar que as fissuras cicatrizem, mesmo que o caminho seja doloroso e desagradável, sabendo disso, tomei a decisão de encarar o que me oprimia e amargurava a alma, começando pelo relacionamento com aquela que me trouxe ao mundo, que por muito tempo enxerguei como um espelho miserável de mim mesma, eu sendo tudo que ela poderia ter sido e ela sendo tudo que posso me tornar.

A escolha de encarar meus problemas com a minha progenitora, nasceu do entendimento que parte dos meus traumas vieram da sensação de abandono que a partida dela causou, que o processo de cura só existiria, se fosse viável perdoá-la e para iniciar a jornada de perdão, antes seria preciso entender quais foram as razões para que ela tomasse a decisão de partir.

Quando entendi que para perdoar, era preciso enxergar o que nos feriu com os olhos do outro, busquei conhecer o passado da mulher que me carregou em seu ventre por nove meses e, assim, tentar compreender suas dores e anseios, aquilo que causou lesões tão profundas que estão com ela até hoje e fizeram com que tomasse caminhos dos quais se arrepende. Tentar ver os acontecimentos pela ótica da minha mãe mudou a percepção que eu tinha dos fatos, abrindo espaço para sentimentos positivos, que ajudaram a estancar o sangue dos cortes e secar as feridas.

Superar o rancor e a mágoa, para mim, não foi uma tarefa simples e me apoiar na arte, esvaziando minhas emoções, foi parte indispensável do percurso, me ajudando a aprender mais sobre quem sou. Uso a arte como extensão de tudo que sinto, é através dela que encaro meus sentimentos e os organizo, então, produzir é parte da cura e retrato, no atual trabalho, cada detalhe desse processo, seja contando uma história ou pintando uma tela.

1.1. MÃES E FILHAS

Diz-se com frequência que o primeiro som que se ouve no útero é o das batidas do coração da mãe. Na verdade, o primeiro som que faz vibrar o aparato auditivo recém-desenvolvido é o do sangue da mãe pulsando nas veias e artérias. Vibramos com esse ritmo primordial antes mesmo de ter orelhas para ouvir. Antes da concepção, experimentamos uma existência parcial como óvulo no ovário da mãe. Todos os óvulos que uma mulher produzirá se formam quando ela é um feto de quatro meses no útero da mãe. Isso significa que nossa vida celular como óvulo tem início no útero de nossa avó. Todos passamos cinco meses no útero da avó, que por sua vez foi formada no útero da avó dela. Já vibrávamos ao ritmo do sangue de nossa mãe antes que ela mesma nascesse [...]. *When the Drummers Were Women: A Spiritual History of Rhythm*, Layne Redmond. (REDMOND, 2018 apud. O Impulso)

Meu bisavô foi um homem controlador e violento, que oprimia sua esposa e filhos, descontando suas frustrações neles. Criou um ciclo de violência e traumas, que perdura décadas após sua morte. A família que ele formou passa, de geração em geração, desrespeito, angústia e sofrimento. São pessoas que não sabem amar, porque nunca foram ensinadas, não sabem respeitar, porque nunca foram respeitadas. Não havia ninguém que pudesse ensinar a eles como amar, respeitar e acolher o próximo ou a si mesmos.

Meus bisavós se casaram por conveniência, ela com dezessete anos e ele beirando aos trinta, se mudaram do interior do estado de São Paulo para a capital, onde tiveram cinco filhos, três homens e duas mulheres. Durante alguns anos foram uma família de classe média, mas com o passar das décadas o dinheiro foi se extinguindo e o patriarca se afundou no vício em álcool, tornando a união deles um espiral de controle e brutalidade, do qual nenhum dos filhos conseguiu escapar.

Dentro do relacionamento, a voz do patriarca era “A Lei” e suas mãos às espadas, sempre em prontidão para executar suas sentenças às costas da esposa que sofria, além das agressões, abusos psicológicos infligidos por meio de humilhações e privações. Essa crueldade desmedida, respingou nos filhos do casal que cresceram em um lar patriarcal e violento, sem afeto ou amparo. O desamparo

se estendeu, principalmente, às duas filhas que desde cedo tinham que lidar com os fardos do lar, a violência e o peso de ser mulher, sem ter em quem se apoiar. Sem ter um lar seguro para o qual voltar, vivendo em um ambiente hostil, com pais severos e conservadores que criaram seus filhos, ensinando que era através da brutalidade que se corrige e educa, é usando força que se controla a família. Foram, especialmente, os filhos homens do casal que levaram adiante os princípios ensinados e se tornaram adultos agressivos, que usavam da sua força e privilégios masculinos para oprimir todos à sua volta, principalmente, suas irmãs.

Minha avó passou toda a infância e adolescência com familiares abusivos, então, logo no início da sua vida adulta, terminou decidindo se casar como rota de fuga. Essa união foi, desde o princípio, conturbada e violenta, tendo seu fim alguns anos após o nascimento da terceira filha e com essa decisão de término, foi preciso voltar com as três meninas, frutos da relação, para a casa de seus pais, pedindo auxílio e abrigo. É a partir desse momento, que a vida da mulher que me deu a luz se torna um espelho da vida da mulher que deu a luz à ela.

Quando minha avó precisou recorrer aos seus pais, depois de dar um fim em seu casamento, acabou selando, sem saber, o destino daquela que muitos anos depois seria quem chamo de mãe. Durante algum tempo, mãe e filhas permaneceram juntas na casa da família materna, até que a progenitora se viu de volta a situação que lutou para se desvencilhar por anos, estava outra vez sob o teto que cresceu, sendo abusada e humilhada e decidiu partir, no entanto, não tinha como levar às três meninas, então, foi embora com a promessa que voltaria. Voltaria para levá-las a um lugar seguro, que todas poderiam chamar de lar, assim que tivesse condições financeiras. Desejava ter o suficiente para sustentar as filhas e a si mesma de forma digna. Logo, pensando na promessa, foi embora para estudar e trabalhar, esperando voltar para reivindicar o sangue do seu sangue e dar a elas tudo que não teve, fosse amor, cuidado ou bens materiais. Queria que aquelas pudessem se sentir seguras e amadas, como ela mesma nunca sentiu. No entanto, esse dia nunca chegou e minha avó viveu até o fim da vida longe de suas filhas, sem conseguir dar tudo aquilo que prometeu.

Foi se agarrando a essa promessa, que minha mãe e tias cresceram, sempre esperando o dia que seriam resgatadas. Resgatadas daqueles que deveriam estar ali para ensinar o respeito e amor, mas só estavam dispostos a causar dor.

Assim, como a mulher que deu vida a elas, se viram rodeadas por violência e opressão por parte das pessoas que deveriam, acima de tudo, zelar e proteger. Foi nesse ambiente que passaram infância e adolescência, espelhando aquilo que já havia sido vivido, passando pelas mesmas dores e anseios, desenvolvendo os mesmos medos e traumas, fazendo parte de um ciclo que, naquele momento, parecia longe de ter um fim. Os traumas do abuso e controle, foram passados para mais uma geração.

A partir do momento em que minha mãe foi deixada na casa dos avôs sua vida levou, durante a infância e início da adolescência, um caminho análogo ao da sua genitora. Ou seja, esse período de desenvolvimento foi marcado pela constante violência, falta de afeto e segurança. Ao invés de estar brincando e descobrindo o mundo, precisava se preocupar com as constantes surras e humilhações que passava todos os dias, sem ter a quem recorrer. Não existia ninguém que pudesse proteger ela e suas irmãs da família e dos constantes abusos, que vinham não só dos avôs, mas também dos tios que moravam na mesma casa. Eles cresceram em um lar cruel e passaram adiante essa crueldade, infringindo às suas sobrinhas tudo o que foi ensinado pelo pai e, infelizmente, nada era amor e compaixão. Minha mãe não foi ensinada a amar, aprendeu apenas que era pela agressividade que se conquistava o que era desejado, principalmente, dentro de casa. E durante muitos anos, ela nutriu ódio e rancor da própria mãe por as ter deixado naquela situação, mesmo depois de adulta, não conseguia perdoar. O que não era de conhecimento dela na época, é que seus tios e sua avó, após a morte do seu avô, proibiram as visitas da mãe dela e, por diversas vezes, partiram para agressão física quando a mesma insistia em ver as filhas e toda essa brutalidade era escondida. As meninas, cresceram acreditando que a mãe não se importava com elas. Cresceram se sentindo abandonadas e indesejadas, sem saber como era ser cuidada e amada de verdade, como era ter por perto alguém disposto a zelar pelo seu bem-estar antes de tudo.

Minha mãe e suas irmãs iniciaram relacionamentos muito cedo, buscando não só meios de fugir do suplício que era sua família, mas também alguém que pudesse dar o amor que nunca haviam recebido. Passaram a procurar em homens o que não era oferecido em casa e, nesse caso, era o amor.

Hiller (2010), descreve que:

[...] sujeitos que foram vítimas ou testemunharam comportamentos de violência na família de origem apresentam uma maior probabilidade de virem a desenvolver comportamentos violentos no futuro em suas relações conjugais (HILLER, 2010, p.10).

Partindo dessa afirmação, é fácil presumir o motivo pelo qual esse ciclo destrutivo se tornou tão forte dentro dos laços familiares, crescer em um lar violento é normalizar a violência, é torná-la comum e aceitável e o mesmo vale para a falta de respeito e compaixão, sejam elas românticas ou familiares. É mais fácil procurar e abraçar aquilo que é habitual, que você cresceu presenciando. Minha avó, teve um casamento que se assemelhava muito ao do seus pais e o mesmo recaiu em suas filhas mais novas, apenas minha mãe conseguiu escapar do ciclo de violência conjugal, quando conheceu meu pai. Meu pai, não entra nessa história como grande herói que deu fim ao espiral de brutalidade, na verdade, ele foi só o início do que seria o fim, afinal, a escolha de continuar com a violência, viria anos depois.

Quando meus pais se conheceram, tinham uma diferença em idade de exatos vinte anos, ele com trinta e cinco e ela com quinze, essa discrepância só mostra o quanto ela gritava por ajuda. Muitas coisas poderiam ser ditas a respeito das idades, no entanto, a união foi a salvação para minha mãe. Foi a rota de fuga, o porto seguro e o começo para o fim da violência. Meu progenitor, não foi nenhum santo ou alguém a ser idolatrado, mas mostrou a ela o que era uma família amorosa e acolhedora, sempre disposta a te amparar e abraçar. Deu um lugar seguro e tentou ensinar o que entendia sobre amar, afinal, ele cresceu em um lar que até poderia faltar comida, mas não amor e cuidado. No entanto, ambos vinham de gerações diferentes e tinham desejos diferentes.

Aos vinte e sete anos com três filhos pequenos, a percepção de que sua adolescência e juventude foram perdidas enquanto dedicava mais de dez anos à vida doméstica, em que constituiu uma família em função daquilo que lhe fora apresentado como ideal. Ainda assim, ela sentia que faltava algo, como se alguma coisa tivesse escapado durante os anos. As coisas não pareciam suficientes e minha mãe não sabia como amar meus irmãos e eu. A maternidade a aterrorizava, vivendo um medo constante de não ser o bastante para nós, de não saber dar o amor que ela acreditava que merecíamos. Ela não teve uma mãe, então, como poderia ser uma?

Com base nesse sentimento ela partiu, deixando a mim e meus irmãos aos cuidados da família do meu pai. Durante anos a partida da minha mãe me assombrou, me fez sentir pequena e indesejada, como se não fosse digna do amor de ninguém. Se nem a mulher que me deu a vida conseguiu me amar, como outra pessoa conseguiria? Essa pergunta rondava meus pensamentos constantemente, me fazendo questionar até mesmo a razão da minha existência. Qual a função de existir, se quem deveria me amar, parece desprezar? Fiz esse questionamento pela primeira vez aos seis anos de idade. Nada melhorou com o passar do tempo, a necessidade de amor e atenção, se tornaram mágoas e rancor.

Fui deixada aos cuidados dos meus tios paternos com três anos de idade, eles foram responsáveis por mim até a maioridade, se tornando meus pais e cumprindo esse papel com excelência, sem nunca tentar substituir meus pais biológicos. Foram eles que me ensinaram o que era amor, respeito, cuidado, zelo e carinho. Graças a eles, cresci em um lar saudável e aos poucos, através dos anos, entendi que era amada. Minha tia, irmã do meu pai, dedicou boa parte de sua vida em ser minha mãe e me criar da melhor maneira possível, suprimindo qualquer falta que pudesse ser sentida. Perdeu noites de sono, foi a apresentações de escola, segurou minha mão quando senti medo, me cobriu nas noites frias e viajou para outro estado só para acompanhar meu primeiro dia de aula na universidade. Com o tempo passei a comparar o amor que ela demonstrava com o da minha mãe biológica, assim alimentando o rancor e mágoa que já sentia da minha progenitora.

Esses sentimentos se abrandaram com o tempo e procurei entender quem era minha mãe biológica e o lugar de onde ela veio. Quanto mais descobria sobre sua infância e adolescência, mais fácil se tornava entender suas decisões e perdoar. Não foi um caminho tranquilo de ser percorrido, afinal, estamos em uma sociedade que endeusa a figura materna e seus sacrifícios, afirmando que mães devem dar a vida por sua prole, abdicar de tudo pelo bem estar deles e ter uma mãe que escolheu partir ao invés de dar tudo de si para estar comigo, não é simples de digerir. Porém, quanto mais os anos se passam para mim, maior se torna a cobrança sobre a maternidade e, assim, comecei a entender como desempenhar esse papel pode ser dolorido e sufocante, que ser mãe vai muito além de cuidar e amar uma criança, é um trabalho ininterrupto que exige que tudo seja colocado de lado para poder se encaixar em um padrão de certo e errado, que foi criado por uma sociedade que odeia mulheres. Dessa forma, quando entendi isso, desculpar aquela

que me deu a vida se tornou um processo mais ameno e, assim, nasceu este trabalho de conclusão de curso.

Este trabalho só pôde ser desenvolvido e construído, porque existiu um enorme processo interno, que envolveu conhecer a mim e minhas mães, passar por cada detalhe da história delas e de suas famílias, buscando entender como cada uma viveu, sentiu e sofreu o amor. Enquanto, minha mãe adotiva cresceu com uma figura materna sólida e presente, em um ambiente seguro e acolhedor, repleto de cuidado e amor, sendo ensinada em todas as fases da vida como amar e ser amada, tendo, então, o entendimento e preparo emocional para passar adiante aquilo que aprendeu, minha mãe biológica viveu e sentiu o oposto, portanto, nunca se viu capaz de dar e receber amor de uma forma clara e convencional, como era esperado dela e levei anos para compreender isso. Compreender que o amor sempre esteve lá, só não de maneira tradicional.

Desse processo de compreensão, nasceu o desejo de retratar a dor e o amor que sinto pelas minhas mães, mostrando através da arte todo o caminho que foi

2. SE ME CORTO NÃO SANGRO

Lido com a depressão desde os doze anos de idade e durante a adolescência, no auge de algumas crises, eu me cortava com a intenção de livrar meu peito da dor, que o consumia e sufocava, por vezes parecia impossível de respirar, como se estivesse afogando em sentimentos e me rasgar, faria com que esses sentimentos escorressem junto com o sangue. Ferir meu corpo, era um ato desesperado de expurgar o que me corroía e atormentava, que me fazia desejar a morte. Contudo, não importava o quanto castigasse minha carne, os sentimentos ainda continuavam ali, me consumindo de dentro para fora, me cortar não fazia com que sangrasse minhas dores, meu íntimo continuava submerso em aflição. Parte das angústias que me acometiam, estavam ligadas ao trauma acarretados pela partida da minha mãe biológica, então, tentava expulsá-las derramando meu sangue.

Quando faço a afirmação, “se me corto não sangro”, o “sangrar” presente na frase não é metafórico, afinal, quando cortava meu corpo desejava expulsar todos os sentimentos negativos que me consumiam de dentro para fora, fazendo com que eu apodrecesse. Queria me livrar do medo, ansiedade e desespero que estrangulava meu ser, ansiava para que fluísse para longe, me dando novamente liberdade para viver.

Entender que parte dessa dor veio do sentimento de abandono que a partida da minha mãe biológica causou foi o início do processo para compreender as razões que a levaram a tomar essa decisão e, então, perdoá-la. Perdão esse que foi importantíssimo para controlar e abrandar alguns dos sentimentos que me causaram tanto mal, ao escolher acolher minha mãe, entendi como nossas dores eram semelhantes, que ela nunca teve em quem se apoiar e as escolhas que fez não foram por não amar a mim e meus irmãos, mas por saber que não poderia dar o seu melhor. Quando nos entregou aos cuidados de nossos tios paternos, ela sabia que ali teríamos amor e auxílio, sendo amados e respeitados, como ela não havia sido em sua infância.

Ao assimilar todos esses fatos e acontecimentos, entendendo e perdoadando aquela que me deu à luz, percebi que sempre fui amada e decidi que, através da

arte, mostraria para minha mãe que ela estava perdoada e também é amada, assim surgiu a necessidade de criar peças que apresentassem todas as fissuras e suturas que o processo me causou.

2.1. SUTURAS E FISSURAS

Em um passeio pela cidade de São Paulo, em julho de 2022, decidi ir a exposição da Adriana Varejão que estava acontecendo na Pinacoteca, pensei que a visita fosse ser rápida e tranquila, já que em 2017 fiz uma viagem até a cidade de Brumadinho para conhecer Inhotim onde visitei sua galeria.



Figura 1: Inhotim, 2017 - Foto de arquivo pessoal

Esse primeiro contato com as obras da artista foi calmo e repleto de boas memórias, mas a experiência que tive na exibição de 2022 foi completamente diferente, as produções me atravessaram de uma maneira que nunca havia acontecido antes, fui arrebatada e saí em êxtase do museu. Na volta para casa, sentada no vagão do trem, comecei a chorar e, finalmente, decidir que rumo dar ao

meu trabalho de conclusão de curso.

Figura 2 - Adriana Varejão, Língua com Padrão Sinuoso, Óleo sobre tela, 1998.

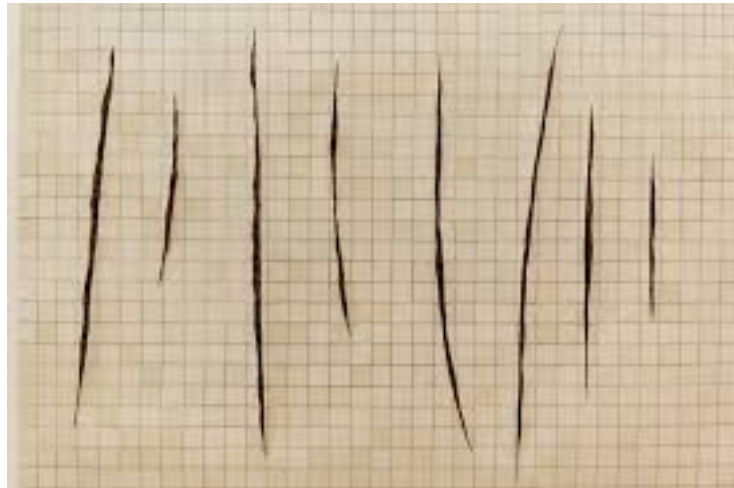


Fonte: l1nq.com/olixv

Ao me deparar com as criações da artista, algo despertou em mim olhando para aquelas fissuras e feridas abertas, me recordei do processo que passei para superar meus traumas e que por muito tempo me senti exposta, como se todos pudessem enxergar minhas entranhas. Como se pudessem ver minha vulnerabilidade, não importa o quanto me esforçasse para esconder, a dor estava sempre lá exposta como um corte sem sutura, um ferimento apodrecido pelo tempo que passou sem cuidado, assim como as obras produzidas por Adriana Varejão, que procuram mostrar a dor sofrida pelo processo de colonização, dor essa que foi ignorada e negligenciada por séculos.

Quando uso as obras dessa exposição como referências, não quero comparar toda a dor sentida por diversos povos à minha, pois não se comparam, mas quero trazer sentimentos parecidos e que o observador possa ter uma percepção semelhante à que tive. A referência aqui, se vincula muito mais com a estética das peças da artista e como elas impactam quem as observa, do que com a mensagem que elas passam. Desejo representar minha dor, através de fissuras e suturas.

Figura 3 - Adriana Varejão, Une Petite Mort, Óleo sobre tela, 2005



Fonte: l1nk.dev/2wHDr

Dentro do trem de volta para casa, enviei mensagens para minha orientadora, dizendo que precisava mudar o tema do trabalho e que, ao contrário do que havíamos conversado, eu produziria material para ser exposto. Procurei produzir peças dentro do campo da pintura, misturando diversos materiais e técnicas, explorando elementos que se repetiam com frequência nas minhas produções, como insetos e as diversas tonalidades de verde, decidi usar a coloração nas telas por seus diversos significados, mas principalmente por sua ligação com a natureza, aqui a tonalidade entra como a cor da “Mãe Natureza” e os insetos entram como uma extensão de mim mesma e da minha personalidade.

2.2. OS INSETOS NA CARNE

A auto-imagem contemporânea não se constrói como mera representação narcísica. Ao contrário, se ela se mantém como uma forma de reivindicar identidade, seu foco está na produção de um estranhamento ou perturbamento, uma sensação de incômodo - aquela remanescente à sensação de se olhar no espelho e não se reconhecer (MONTEIRO, 2002, pg.67)

Quando pequena, me sentia apavorada na presença de insetos, contudo sempre existiu algo que me atraía muito na existência deles, era fascinante que seres tão pequenos existissem no mesmo mundo que o meu, vivendo alheios a tudo

ao seu redor. O misto de medo e fascínio, durou toda minha infância, por vezes, perdia horas caçando e observando esses animais, tentando descobrir seus hábitos, procurando entender melhor a razão pela qual eles existiam e qual sua função na natureza. Eles eram tão pequenos em comparação com todo o resto, passando quase despercebidos aos olhos, me sentia da mesma forma, pequena e invisível. As interações sociais, durante muitos anos, foram uma questão muito delicada no meu desenvolvimento pessoal, por vezes, me senti minúscula e dispensável como um inseto, esse sentimento se intensificava quando pensava na minha mãe biológica.

A primeira vez que utilizei a representação de insetos na arte, foi em um autorretrato para a disciplina de pintura, ministrada pela professora Ana Helena Duarte, segundo semestre de 2018, na tela em questão, usei diversos insetos para representar as diferentes fases da minha adolescência, cada um deles correspondia aos sentimentos vivenciados na época.

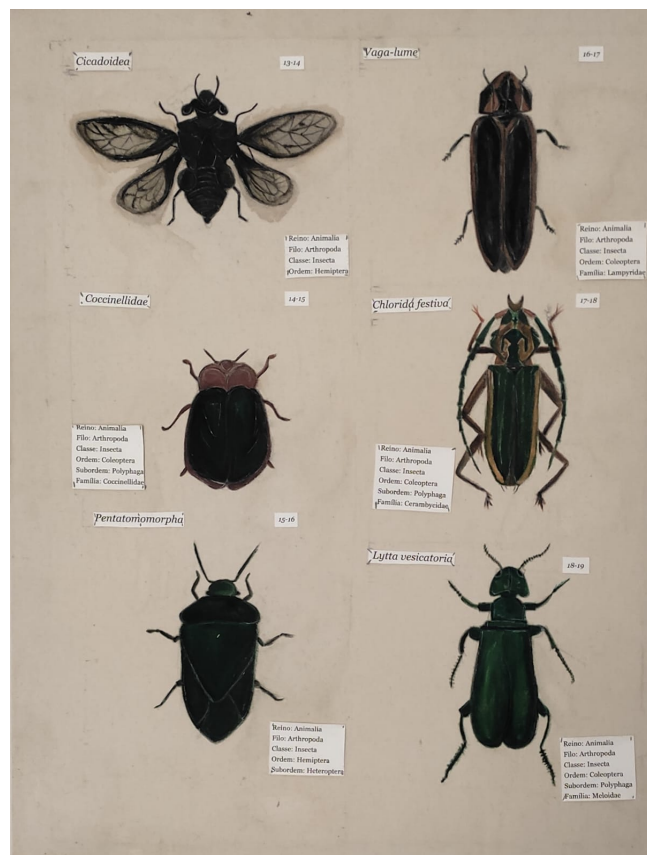


Figura 4: Autorretrato, técnica mista sobre tela, 2018 - Arquivo da autora

Os insetos foram escolhidos de acordo com seus hábitos, beleza e características fisiológicas esses aspectos se vinculam com as sensações e emoções, que vivenciei nesses momentos.

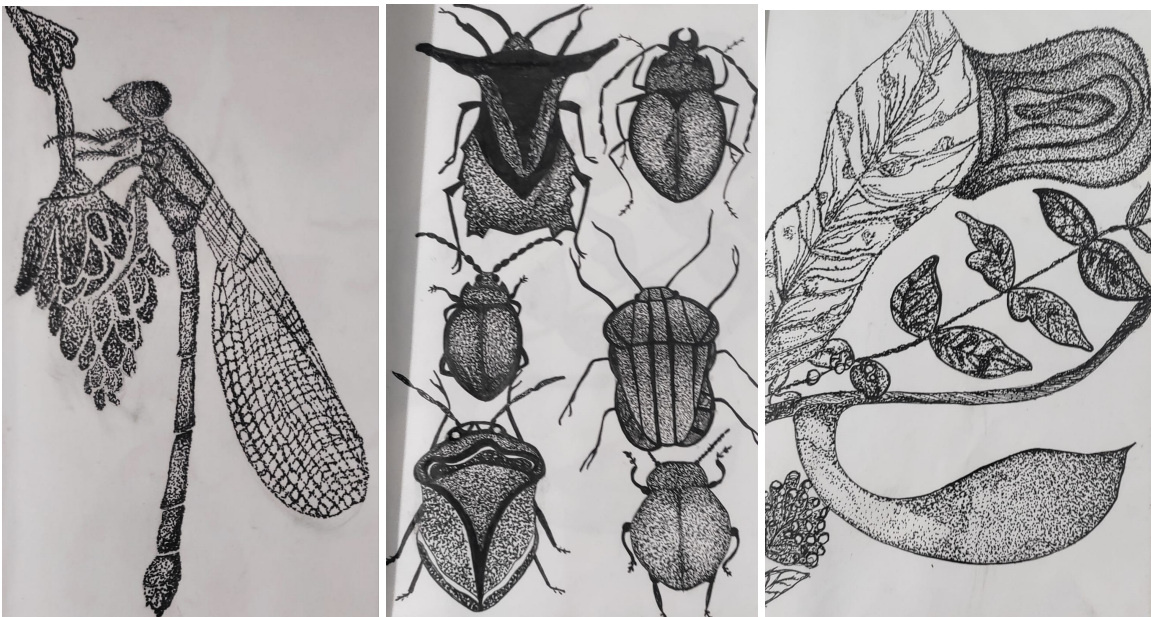
A escolha desses animais se associava diretamente com a idade que eu tinha, começando pela cigarra que me representou dos treze aos quatorze anos, período que sentia a constante necessidade em me esconder, vivendo trancada em um quarto escuro, procurando fugir de todas as interações sociais, assim como as cigarras, que passam anos debaixo da terra, escondidas do mundo. Entre os quatorze e quinze anos, me sentia como uma joaninha, bonitinha e tolerável, mas ainda um inseto que poderia ser facilmente esquecido. Dos quinze aos dezesseis, fui um percevejo que é sempre confundido com outras espécies, como se não tivesse sua própria identidade. Aos dezessete, fui como um vagalume, se visto rapidamente é apenas mais um besouro comum, mas se olhado com cuidado, o mundo se ilumina. Com dezoito anos, o que melhor transparecia meus sentimentos, era um besouro conhecido como *chlorida festiva*, um espécime lindo e imponente, que não passa despercebida por sua beleza. E por último, aos dezenove, eu já era uma mulher segura de mim, da minha beleza e todos ao meu redor, não era mais indefesa e nem manipulável de acordo com os desejos daqueles aos meu entorno, assim como um besouro *lytta vesicatoria*, que é atraente e venenoso na mesma medida. Após a entrega do autorretrato, os insetos permaneceram presentes em diversas das minhas produções, entrando como tema principal em várias delas.

Me apaixonei pela beleza e complexidade desses animais, inúmeras espécies existem no planeta desde a época dos dinossauros, no entanto se sabe pouquíssimo sobre a maioria delas, essa falta de informação, atrelada a graciosidade que eles possuem, me causa um enorme fascínio, desejando representá-los em diversas linguagens artísticas.



Figuras 5, 6 e 7: Estudos de Insetos em guache, 2021 - Arquivo da autora

Dentro do universo dos insetos, os que mais despertam meu interesse são os coleópteros (besouros) por sua extensa variedade em tamanhos, coloração e formas físicas, lepidópteros (mariposas e borboletas) por sua dualidade e encanto, odonatas (libélulas e donzelinhas) por todo seu mistério e pouco conhecimento que a humanidade tem sobre elas e, por fim, os himenópteros (formigas, abelhas e vespas) por toda a sua complexidade social e beleza oculta. Outras espécies, também atizam minha curiosidade, mas essas são as que sempre se repetem em meus estudos e produções.



Figuras 8, 9 e 10: Estudos de Insetos em nanquim, 2020 - Arquivo da autora

Os insetos são uma parte intrínseca dos meus interesses, ao ponto de todas as pessoas dentro do meu ciclo social saberem dessa fascinação, eles representam um pedaço extenso da minha personalidade e dentro do trabalho de conclusão, sua presença vem como meio de expressar meus sentimentos, a representação deles não é mais sobre beleza e sim como uma forma de simbolizar meus desejos, emoções e vivências, eles entram como uma “personificação” dos meus sentimentos, os tornando tangíveis. Dentro das telas, os insetos se fazem necessários para externar como me sinto a respeito de tudo que sinto, são “o meu sentir” de maneira crua e sem adornos, da forma mais visceral que encontrei para traduzir meus sentimentos.

Duas classes de insetos foram escolhidas para caracterizar meus sentimentos, sendo o primeiro deles, os coleópteros, pela variedade de formas e tamanhos que eles possuem. A beleza que tanto me atrai nos besouros, não está presente nas produções, nelas só vemos a razão pela qual é comum sentir tanta repulsa por esses pequenos animais aqui eles aparecem, apenas para mostrar como o que sinto, por vezes, pode ser desagradável, feio e até repulsivo.



Figura 10: detalhe da tela da série "SE ME CORTO NÃO SANGRO", técnica mista sobre tela, 2022 - Arquivo da autora

Os besouros têm o papel de causar desconforto no espectador, dando a entender que eles se alimentam das entranhas expostas, assim como minhas emoções me devoravam.

A segunda classe escolhida foi a dos lepidópteros, mas a representação deles aqui é através de suas larvas, comumente conhecidas como lagartas, eles foram selecionados pelo meu amor por mariposas e porque durante a adolescência fiz diversas analogias com minha relação materna e o comportamento que as pessoas têm com esses animais, até escrevi uma nota em meu celular me comparando a esses insetos, nela descrevia como a minha mãe biológica parecia se sentir a respeito da minha presença e que ela me tratava da mesma maneira que tratam o inseto, evitando a qualquer custo, nesse mesmo texto faço também uma

correlação com relacionamento que tínhamos na época e o comportamentos desses animais em relação à luz, eles se sentem atraídos pelo brilho das lâmpadas e as rodeiam até que acabam queimados e mortos pelo calor, eu sempre tentava ficar o mais próximo possível daquela me deu a vida, no entanto, acabava me machucando emocionalmente. Desejava sentir o calor dela, mas terminava queimada, esses pequenos seres e esse comportamento em particular representam bem o vínculo que tínhamos na época.



Figura 11: detalhe da tela da série “SE ME CORTO NÃO SANGRO”, técnica mista sobre tela, 2022

Dentro da pintura as lagartas desempenham as funções de representar a mim e o meu relacionamento com a minha progenitora e de incomodar o observador, causando sensação da carne está apodrecendo, assim como os meus sentimentos me faziam acreditar que eu estava apodrecida por dentro e que não existia mais salvação para quem eu era.

3. COMO POSSO EXPLICAR UMA DOR QUE VOCÊ NUNCA SENTIU?

Quando comecei a idealizar o presente trabalho, me surgiram diversos questionamentos, o principal deles era de como faria para que as aflições que descrevo fossem compreendidas, é muito difícil entender o sofrimento do outro, porque ninguém sente igual, cada indivíduo é atravessado de maneiras diferentes por emoções e sentimentos. As dores que apresento estão todas ligadas a doenças psicológicas e fiquei extremamente receosa em como deveria expressá-las, porque não são físicas e sim emocionais, nunca existiram feridas reais estampadas em minha carne, mas a dor me consumia de tal forma que a morte parecia a única saída e como eu poderia explicar isso?

Querer acabar com a própria vida é antinatural, o que trouxe a humanidade ao que somos hoje é o instinto de sobrevivência, aquela voz no fundo da mente que grita “fique vivo”, então, como seria explicar para uma pessoa que nunca passou por isso, o que sinto? Me parecia impossível através de palavras e por isso optei pela arte. Dispus todo meu empenho em criar obras que pudessem transmitir não só meus traumas, como os da minha mãe biológica também, porque tudo o que sinto, ela já sentiu, nossas dores são parecidas. Coloquei muita dedicação em produzir peças que deixassem claro que os traumas existem, doem e consomem a carne, mas são possíveis de serem superados e as feridas podem cicatrizar. Queria que por intermédio da minha arte, as pessoas pudessem começar entender não só a dor que sinto, mas também a do outro.

Durante a produção, decidi dividir as obras em três grupos, cada um deles é identificado por um título diferente. O primeiro conjunto de telas leva o nome, “SE ME CORTO NÃO SANGRO”, esse grupo tem seis telas elas trazem vísceras expostas e os insetos as consumindo.



Figura 12: Tela da série "SE ME CORTO NÃO SANGRO", técnica mista sobre tela, 2022



Figura 13: Tela da série "SE ME CORTO NÃO SANGRO", técnica mista sobre tela, 2022



Figura 14: Tela da série "SE ME CORTO NÃO SANGRO", técnica mista sobre tela, 2022



Figura 15: Tela da série "SE ME CORTO NÃO SANGRO", técnica mista sobre tela, 2022

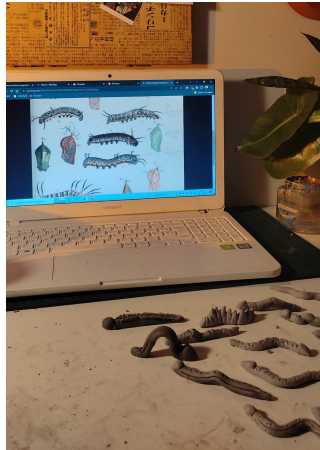


Figura 16: Tela da série “SE ME CORTO NÃO SANGRO”, técnica mista sobre tela, 2023

Essas telas são as únicas que carregam os insetos, pois representam toda minha dor e como ela consumia meu ser, de dentro para fora. Aqui os pequenos animais fazem o papel de dar forma aos meus sentimentos e impactar os observadores, procurando causar repulsa e nojo.

Os quadros possuem técnica mista, tendo sido produzidos com cola quente para criar as texturas, tinta acrílica e cerâmica fria para modelar os insetos usados, esses materiais já tinham sido usados por mim para outras finalidades, mas foram melhor explorados dentro do trabalho, onde aprendi como cada substância se comporta e a melhor forma para ser utilizada.

Comecei produzindo os insetos com um tipo de massa que leva o nome de “cerâmica fria”, mas é na verdade feita de polímero policloreto de vinila (PVC), óleos plastificantes, pigmentos e aditivos, têm o manuseio parecido com argila, porém sem a necessidade da queima em altas temperaturas, facilitando assim o processo e agilizando a produção.



Figuras 16 e 17: Produção dos insetos em cerâmica fria para compor as telas da série “SE ME CORTO NÃO SANGRO”, 2022 - Arquivo pessoal

A confecção levou alguns dias e no caminho fui fazendo descobertas a respeito da matéria usada e suas limitações, em um primeiro momento tentei criar as peças separando em pequenos pedaços e depois usando água para unir, no entanto, esse método se provou demorado e pouco efetivo, então, decidi que era mais vantajoso esculpir de uma só vez, colocando elementos inspirados em estudos de insetos reais como mostram as fotos.



Figura 18: Produção dos insetos em cerâmica fria para compor as telas da série “SE ME CORTO NÃO SANGRO”, 2022 - Arquivo pessoal

Durante o desenvolvimento, tomei a decisão de fazer os insetos de maneira simples e delicada, mas que ainda deixasse claro seu papel dentro das pinturas, que é o de incomodar e causar repulsa.

Após finalizar os insetos, pintar e fixar nas telas do primeiro grupo, foi iniciado o segundo conjunto de obras, que leva o título de “SE NÃO SUPRIMIDO O SANGUE JORRA”, onde temos apenas as vísceras expostas sem a presença dos pequenos animais que representam meus sentimentos, fazendo alusão ao período em que comecei o processo de entender e perdoar, limpando a alma de tudo que me mastigava internamente e apodrecia meu ser.

Nessa pinturas, explorei principalmente a materialidade da cola quente, que era um material desprezado por mim e que provou ser extremamente maleável, permitindo a construção de camadas, recebendo a tinta acrílica de maneira fácil e trazendo a textura ideal para representar a carne.



Figura 19: Tela da série “SE NÃO SUPRIMIDO O SANGUE JORRA”, técnica mista sobre tela, 2022



Figuras 20 e 21: processo de criação e desenvolvimento de umas das telas da série
“SE NÃO SUPRIMIDO O SANGUE JORRA”. 2023 - Fotos do arquivo da autora

Para criar a sensação de carne cortada, rasguei a tela e coleí no fundo algodão cru, isso se repetiu tanto nos cortes grandes como nos pequenos e para dar a sensação de profundidade coleí mais tecido e passei massa acrílica para impermeabilizar e dar o acabamento em tinta vermelha, para vir com a cola quente criando texturas na tela.



Figuras 22 e 23: processo de criação e desenvolvimento de umas das telas da série
“SE NÃO SUPRIMIDO O SANGUE JORRA”. 2023 - Fotos de arquivo pessoal

A tinta vem antes da cola e dos tecidos com massa acrílica, para criar um fundo sólido que possa receber os materiais que serão aplicados de maneira uniforme, evitando que sobrem espaços sem cor.



Figura 24: Tela da série “SE NÃO SUPRIMIDO O SANGUE JORRA”, técnica mista sobre tela, 2023

Depois de aplicar as camadas de cola, a tela recebe duas últimas camadas de tinta, uma delas sendo o mesmo vermelho do fundo e a outra uma mistura de tonalidades mais claras que vem para causar o efeito de visual das vísceras, depois é passado o verniz e a pintura é finalizada.

Com esses dois quadros, busquei representar cortes e vísceras aparentes, ainda expostas e sem nada que devorasse a carne, aqui o sangue não é suprimido e jorra, no entanto, jorra sem medo. O sangue não escorre de maneira literal, só vemos o que parece uma pele em carne viva, completamente exposta e era exatamente assim que me sentia ao encarar meus sentimentos, completamente vulnerável, mas livre de tudo que me consumia. Com essas pinturas buscava representar o início do processo de cicatrização em que as feridas são limpas para serem suturadas.

Esses dois primeiros conjuntos de telas apresentados, buscam expressar as dores causadas pela depressão que me acompanha desde os doze anos e minha relação com a mulher que me deu a vida, fazendo uma ligação com a nosso relacionamento, o perdão, a aceitação e o começo do tratamento dos meus problemas psicológicos, já a o último grupo vai falar sobre minha mãe adotiva e a importância dela no processo de superação.

O terceiro grupo tem o título de “SE TE VEJO, O SANGUE ESTANCA” e aborda a relação com a mulher que escolheu me criar, procurando mostrar para o espectador que foi através do amor dela que a cicatrização das feridas aconteceu, que ela sempre esteve lá para me amparar e que me sentir amada por ela foi indispensável para atenuar minha dor. Essas três telas tem pequenos cortes e fissuras que procuram representar o todo o caminho que foi percorrido até que todas as feridas fossem fechadas.



Figura 25: Tela da série “SE NÃO SUPRIMIDO O SANGUE JORRA”, técnica mista sobre tela, 2022

Na pintura apresentada acima foi usada a mesma técnica de corte e substituição de tecido no fundo que foi pintado de vermelho para remeter a uma fissura na carne. Olhando com cuidado conseguimos ver o reflexo de alguns insetos que fazem referência a alguns dos outros quadros pintados, mostrando que mesmo quase invisível, às vezes, a dor ainda se faz presente. Nesta tela, só foi usado tinta, tecido e supercola para criar os rasgos.



Figuras 26, 27 e 28: processo de criação e desenvolvimento de umas das telas da série “SE TE VEJO O SANGUE ESTANCA”. 2023 - Fotos de arquivo pessoal

A segunda obra da série, foi pensada para possuir diversos cortes suturados, sendo que alguns já estão quase fechados, tendo sido muito bem costurados. Essa tela em específico foi um desafio devido a sua dimensão considerável, mais de um metro, e a dificuldade em costurar cada um dos ferimentos, por isso pedi ajuda aos meu pai biológico para que pudesse ser finalizado. A produção dessa pintura se assimilou a das outras, pois teve o tecido rasgado e depois o fundo foi feito de algodão cru tingido em tons de vermelho, depois foi costurado por cima das aberturas, causando uma sensação de um pontos cirúrgicos, todas as partes foram coloridas com tinta acrílica e finalizada com verniz vitral para destacar os ferimentos. Antes da finalização da tela, houveram alguns problemas, o tecido que insistia em descascar, me fazendo ter que retocar diversas até que entender que eram as dobras e o atrito que desgastam e esfrelam a tinta, então, pendurei na parede e fiz os arremates finais.



Figuras 29:tela da série “SE TE VEJO O SANGUE ESTANCA”, técnica mista sobre tela, 2023.

A ideia dessa tela era passar impressão de desordem, misturando rasgos, amassados e costuras, tudo desordenado como meus sentimentos, essa “bagunça” se repete na pintura que encerra essa série, combinando costuras e feridas de maneira desorganizada.

A última produção passou pelo mesmo processo das outras que é cortar, rasgar, colar, pintar e costurar, mas aqui o propósito é demonstrar como as feridas estão quase no fim da cicatrização e que isso aconteceu através do amor que minha tia sente por mim e do perdão que dei a minha mãe.



Figuras 30: tela da série “SE TE VEJO O SANGUE ESTANCA”, técnica mista sobre tela, 2022

Assim se encerra a série de telas criadas para esse trabalho de conclusão de curso, gostaria de dizer que todas foram feitas com um enorme planejamento, mas na verdade só existia a uma ideia inicial, então, vinham experimentações com cores,

texturas e materiais, vendo o que melhor se encaixava com que idealizei, confesso que esse processo não é o mais eficiente, mas é o que sempre funcionou para a maneira que gosto de criar. Sinto prazer em experimentar e se não gostar, refaço e vou sentindo o que corresponde às expectativas que criei, adoro o caos da mistura de tintas e sentimentos, alterando e refazendo.

Tudo que me proponho a fazer acaba sendo uma extensão minha e do que sinto, às vezes é uma bagunça sem fim, mas nesse caso resultou em um trabalho que consigo me orgulhar em ter produzido, pois reflete muito de quem sou.

3.1. SE NÃO SUPRIMIDO O SANGUE JORRA E SE TE VEJO O SANGUE ESTANCA



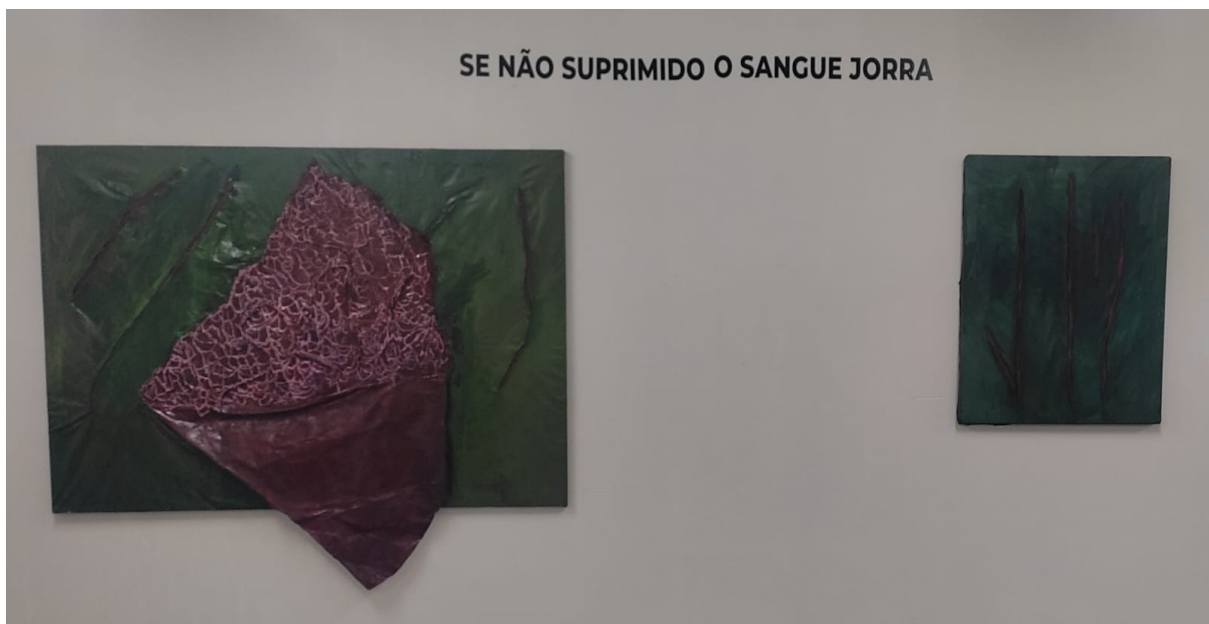
Figuras 31: Foto da exposição “SE ME CORTO NÃO SANGRO” que aconteceu em fevereiro de 2023

No dia 31 de janeiro de 2023, após uma série de imprevistos, aconteceu a exposição “SE ME CORTO NÃO SANGRO: como explicar uma dor que você nunca sentiu?”, onde foram expostas as pinturas matéricas aqui apresentadas. A exibição das telas me causou um certo desconforto, já que tenho enorme dificuldade em aceitar que meu trabalho é bom o suficiente para visto por terceiros, então, presenciar todas aquelas pessoas olhando e avaliando o que produzi me tirou da zona de conforto, me fez refletir sobre mim mesma e tudo que já criei e escondi do mundo com medo da rejeição. A minha confiança crescia mais a cada pessoa que

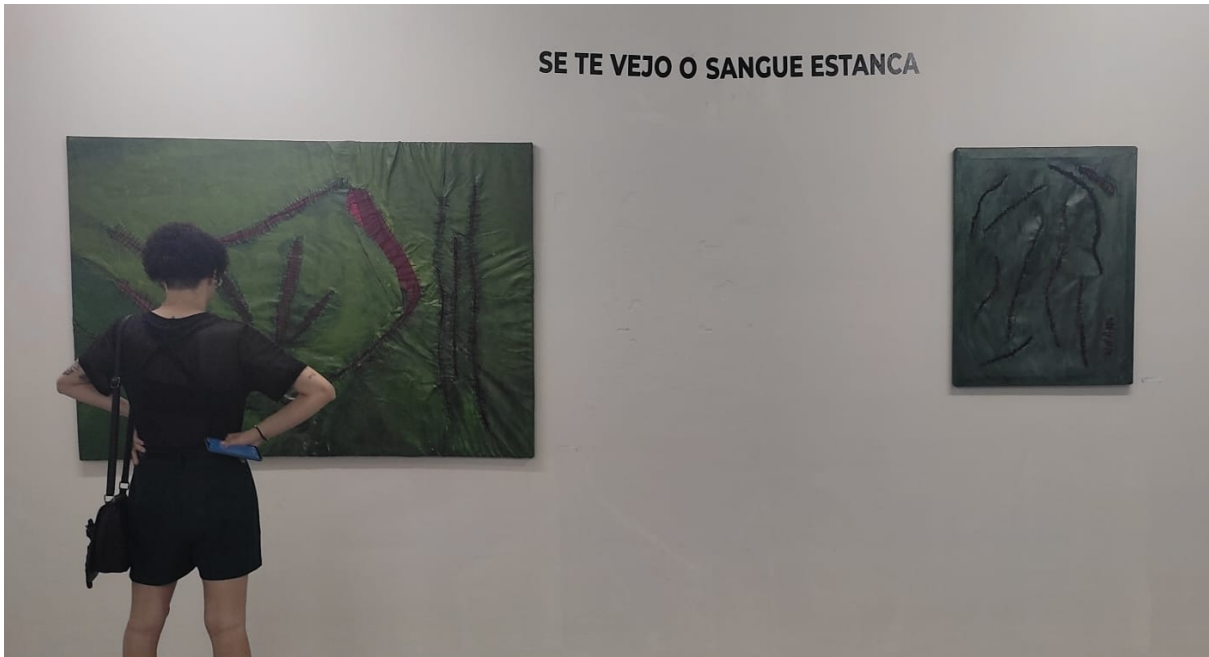
passava pela galeria e depois vinha me parabenizar, porque senti que todos os anos que passei na graduação deram resultado e posso me chamar de artista.



Figuras 32: Foto da exposição “SE ME CORTO NÃO SANGRO” que aconteceu em fevereiro de 2023



Figuras 33: Foto da exposição “SE ME CORTO NÃO SANGRO” que aconteceu em fevereiro de 2023



Figuras 34: Foto da exposição "SE ME CORTO NÃO SANGRO" que aconteceu em fevereiro de 2023

Houveram alguns imprevistos com a montagem da exposição e a data foi adiada, esse problema me deixou extremamente insegura e até me fez questionar se deveria dar continuidade a exibição e defesa do trabalho, mas no dia seguinte, após mais algumas dificuldades, consegui finalizar tudo e dar início a abertura..



Figuras 35: Foto da exposição "SE ME CORTO NÃO SANGRO" que aconteceu em fevereiro de 2023

Durante a abertura consegui conversar com algumas pessoas que compareceram e fiquei extremamente satisfeita de saber que cada um foi atingido

de uma maneira diferente pela exposição, alguns entendiam o títulos e telas como algo físico e outros como manifestações emocionais, tendo sempre percepções muito diferentes das minhas ao produzir as peças e isso foi extremamente enriquecedor. Não sei se consegui explicar todas as minhas dores e das mulheres da minha família, mas sinto que consegui tocar algumas das pessoas que passaram por lá e já me dou por satisfeita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este TCC é resultado do que estava ao meu alcance para criar e produzir algo que fosse coerente com o que sinto, procurei focar em meus sentimentos e como transmiti-los de forma efetiva ao observador, todo o processo de desenvolvimento, foi direcionado a produzir peças que fossem um reflexo límpido do que senti quando escolhi entender e perdoar minha mãe e mesmo sabendo que é impossível controlar como cada espectador vai compreender a obra, me preocupei em tentar comunicar todas as sensações que essa escolha me causou, não importa qual será a recepção do público, o importante é que coloquei todo o meu esforço em ser honesta comigo e o com as minhas criações.

Cada pessoa que se deparar com o presente trabalho de conclusão, vai ter sua própria percepção, mas o que foi elaborado aqui é uma carta aberta sobre amor e perdão, é um pedido de desculpas para minha mãe biológica por toda dor que posso ter causado e é, também, uma nota de agradecimento a minha tia por ter escolhido me criar e amar incondicionalmente, me permitindo ser quem sou hoje, todas as telas que criei, procuram contar minha história, falando das dores que vivi e das cicatrizes que elas deixaram.

Durante o período de composição do projeto, me dediquei integralmente a pintar e escrever da maneira mais efetiva possível e apesar de certos contratemplos, me vejo satisfeita com o que foi feito, aprendi muito sobre mim mesma ao traçar cada uma das linhas presentes nesse arquivo e encarei o medo de falhar como artista que me acompanha desde o início da graduação. Quando entrei no curso, aos 17 anos, não sabia nada sobre o mundo e nem o que esperar dele, todos esses anos foram feitos de descobertas e frustrações, fazer arte em boa parte desse tempo foi frustrante, mas o que apresento aqui, me mostrou que sou plenamente capaz de criar obras incríveis e que posso sim ser artista, que, na verdade, já sou uma artista.

Sinto que o trabalho foi concluído da forma íntegra e eficaz que eu poderia fazer, me orgulho de tudo que fiz para chegar até esse momento e sei que muitas coisas poderiam ter sido feitas de maneiras diferentes, mas tudo que aparece aqui foi feito com todo meu amor e dedicação. Aprendi muito sobre arte e sobre ser artista ao tomar a decisão de fazer esse trabalho e fico feliz em poder compartilhar com o mundo.

REFERÊNCIAS

AUDRAIN, Ashley. O impulso. [S. l.: s. n.], 2021.

MONTEIRO, Katia Canton. Auto-Retrato, Espelho de Artista. 2002. Tese (Livre Docência em Teoria e Crítica de Artes) - Escola de Comunicações e Artes, University of São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/27/tde-24052019-154012/en.php> Acesso em: 21 jan. 2023

César, R.C.B; Loures, A.F.; Andrade, B.B.S. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. Revista Mosaico, 2019 Jul./Dez.; 10 (2): SUPLEMENTO 68-75

PONTES, Kelem Rodrigues de Melo. Violência doméstica geracional em Parintins: um olhar para os casos registrados na Delegacia Especializada. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SANTOS, Angélica Pereira. De mãe para filha : a transmissão da violência doméstica entre gerações e a trajetória de vitimização entre mulheres. 2021. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) - UFMG, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/43826>. Acesso em: 11 jan. 2023.

FLORES, VANDA DE SOUZA. TRAUMAS DA INFÂNCIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NAS VÁRIAS ETAPAS DA EXISTÊNCIA HUMANA. 2008. Dissertação (Pós-graduação em Terapia Transpessoal) - Instituto Superior de Ciências da Saúde, [S. l.], 2008.